

D. Balduino acusa Funai

Houve violação da legislação, diz o presidente do Cimi

OLAVO RIBEIRO,
Enviado Especial

CIDADE DE GOIÁS — “A insólita ingerência da Funai numa missão religiosa significa, além da violação à legislação pátria, uma desconsideração ao princípio internacional de respeito às minorias étnicas” — disse ontem o bispo d. Tomás Balduino, presidente do Conselho Indigenista Missionário, a propósito da abrupta dissolução pela Funai, com auxílio da Polícia Federal, da 7.ª Assembléia de Tuxauas, em Roraima, no último fim de semana.

O bispo asseverou que não será a discriminação à sua presença naquela reunião que irá tirar-lhe o ânimo para continuar, na mesma medida de atuação, como presidente do Cimi.

D. Tomás Balduino revelou que se não fosse a reunião realizada dentro da Prelazia de Roraima, “muitos acontecimentos lamentáveis poderiam ocorrer”, pela reação dos índios, numa intensidade correspondente à interferência do delegado da Funai na região.

Relatando que os padres Egidio e Antônio Iasi já haviam sofrido o mesmo tipo de discriminação, “de que agora sou objeto”, e tendo certeza que “tentarão alcançar outros missionários, mas sempre numa ação frustrada, pois continuaremos tranquilamente na ação pastoral de proteção ao índio”, o presidente do Cimi enfatizou que nas conversações havidas na reunião de Roraima, discutia-se os problemas inerentes ao índio.

“A palavra final sobre o destino do índio é dada por ele próprio, pois é justamente o índio que irá sofrer o problema da sua integração gradativa com o meio civilizado”.

Para o presidente do Conselho Indigenista, existe da parte do Governo uma desatenção à figura do índio, com o Ministério do Interior voltando suas atenções mais para atender às empresas que queiram interiorizar-se nas terras indígenas ou de posseiros.

“Não se compreende a tutela do índio pelo Estado, a não ser como uma assistência temporária, que se deve seguir sua emancipação.” disse d. Tomás sobre as divergências entre a política da Funai e aquela, que em nome da Igreja, é realizada pelo Cimi.

Dizendo ter lido com “raro prazer” a notícia referente aos propósitos de um deputado de propor a CPI do Índio, o presidente do Cimi declarou ainda que as divergências entre aquele órgão da Igreja e a Funai se tornariam irrelevantes se a Fundação Nacional do Índio estivesse subordinada à presidência da República e não, como ocorre, ao Ministério do Interior. Elogiando os propósitos do pessoal da Funai para a integração do índio (para o bispo há boas intenções, pelo menos em tese), ele afirmou:

“Ocorre, contudo, que a Funai colide nos seus propósitos com aqueles do Ministério do Interior, eminentemente de caráter econômico-financeiro”.

O presidente do Conselho informou que o Cimi está ultimando as providências para sua legalização e para que no futuro seja um instrumento legal para defesa da política indigenista proposta pela Igreja.

“Fatos como o ocorrido em Roraima deveriam merecer uma reação, em contrapartida, por parte do Cimi, inclusive de ordem judicial. O Cimi estará pronto para isso em breve”.



Dom Carmine chega de Roma, onde esteve com o Papa, e promete falar com o ministro do Interior.

Núncio chega e fala dos índios

RIO (Sucursal) — O núncio apostólico, dom Carmine Rocco, disse ontem que pretende encontrar-se nos próximos dias com o ministro do Interior, Rangel Reis, para discutir os problemas relativos ao trabalho missionário entre os índios brasileiros.

O núncio acabava de chegar de Roma, onde foi recebido pelo papa Paulo VI, a quem fez um relato sobre a situação atual da Igreja no Brasil. Sem querer dar maiores detalhes sobre o encontro, dom Carmine Rocco disse que sempre fica contente quando pode dar ótimas notícias ao santo padre, observando em seguida que a palavra ótimas deveria ir entre aspas.

Em tom conciliador, que manteve durante toda a entrevista dada no Aeroporto do Galeão, o núncio declarou que “não há portas fechadas no relacionamento entre a Igreja e o Estado. Se uma porta se fecha, abrimos outra, e se a segunda se fechar, abriremos a terceira, até que as dificuldades sejam resolvidas”.

As dificuldades, no entender de dom Carmine Rocco, são pequenas e não há porque dramatizar: “Em todas as sociedades, há sempre problemas, e dramatizá-los me parece um pouco exagerado”.

PADRES COM INDIOS

O núncio definiu como “maravilhoso” o empenho com que os padres trabalham junto aos índios e disse que, embora sua experiência e conhecimento do trabalho das missões sejam reduzidas, ele pretende estudar mais de perto o problema.

“Há dois anos, eu visitei os Bororo e os Xavante, em Mato Grosso, numa missão confiada aos padres salesianos, e vi, realmente, que os padres trabalham com um empenho maravilhoso. Vi, também, como aquela gen-

te está evoluindo: O Bororo, por exemplo, já têm casa, luz, água, escola. Mas não se pode, por outro lado, esquecer a parte antropológica, sociológica, para que se encontre um sistema melhor para ajudar aquela gente”.

Dom Carmine Rocco foi enfático, ao afirmar que não existe contradição entre o trabalho da Igreja e o das autoridades junto às comunidades indígenas.

“É evidente que Igreja e Governo podem trabalhar juntos. A Igreja é uma igreja que trabalha no Brasil e o Governo é um governo que trabalha pelo Brasil. Isto quer dizer que, praticamente, os ideais são convergentes”.

Os problemas, para o núncio, são de ordem prática, e a Igreja tem o seu papel a desempenhar.

“O assunto de assistência espiritual cabe à Igreja. E sua missão natural assistir espiritualmente a toda a gente do mundo. Foi a missão que Nosso Senhor deu à Santa Igreja: assistir espiritualmente e também, quando necessário, assistir socialmente às populações do mundo”.

ENTENDIMENTO

Na repartição das atribuições entre a Igreja e o Governo, deve prevalecer o entendimento, o diálogo, disse, concluindo:

“Se não se dialogar, como é que vamos resolver os problemas? Muitas vezes, o marido e a mulher têm que dialogar muito para conseguirem se entender. Estamos aqui para a paz, e não para a guerra. A Igreja não existe para a guerra, e sim para ajudar a humanidade, segundo a última mensagem do santo padre sobre a paz, justamente para que esta pobre humanidade tenha menos sofrimentos do que tem. Esta é a missão da Igreja, ajudar”.